

COLEÇÃO MUSEU DO IPIRANGA 2022

MUNDOS DO TRABALHO

MUSEU
DO IPIRANGA
— USP

edusp

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Carlos Gilberto Carlotti Junior
Reitor

Maria Arminda do Nascimento Arruda
Vice-reitora

MUSEU PAULISTA DA
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Rosaria Ono
Diretora

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor

FUNDAÇÃO DE APOIO À
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Marcilio Alves
Diretor

Silvia Pereira de Castro Casa Nova
Diretora-adjunta

EDITORIA DA UNIVERSIDADE
DE SÃO PAULO

Sergio Miceli Pessôa de Barros
Diretor-presidente

COMISSÃO EDITORIAL

Rubens Ricupero
Presidente

Maria Angela Faggin Pereira Leite
Vice-presidente

Clodoaldo Grotta Ragazzo
Laura Janina Hosiasson
Merari de Fátima Ramires Ferrari
Miguel Soares Palmeira
Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
Membros

Marta Maria Geraledes Teixeira
Primavera Borelli Garcia
Sandra Reimão
Suplentes

Carla Fernanda Fontana
Editora-assistente

Cristiane Silvestrin
Chefe Div. Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Mundos do trabalho / [coordenação Maria Aparecida de Menezes Borrego e Ana Paula Nascimento]. — 1. ed., 1. reimpr. – São Paulo, SP: Edusp: Museu Paulista da USP, 2022. — (Coleção Museu do Ipiranga 2022; 4)

Vários autores.
Bibliografia.

ISBN 978-85-89364-11-9 (Museu Paulista)
ISBN 978-65-5785-072-5 (Edusp)

1. Artes - Exposições - Catálogos 2. Trabalho - Aspectos sociais 3. Trabalho - História I. Borrego, Maria Aparecida de Menezes. II. Nascimento, Ana Paula. III. Série.

22-113360 CDD-730.920981

Índices para catálogo sistemático:
1. Artes: Brasil: Exposições: Catálogos 730.920981

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

SUMÁRIO

Apresentação	05
ROSARIA ONO E AMÂNCIO JORGE SILVA NUNES DE OLIVEIRA	
Um museu universitário de história	07
VÂNIA CARNEIRO DE CARVALHO	

01	Fazer é pensar	14
	MARIA APARECIDA DE MENEZES BORREGO, ANA PAULA NASCIMENTO E ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX	
	Indianidades nas histórias de São Paulo	22
	CASÉ ANGATU (CARLOS JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS)	

03	As fazendas de Florence no Museu	52
	ANA PAULA NASCIMENTO	
	Artífices da paisagem	58
	ERIC DANZI LEMOS	
	Ferrigno, pintor do café	64
	RUTH SPRUNG TARASANTCHI	

05	Ofícios da experiência	104
	FERNANDA CARVALHO	
	Detalhes emoldurados	112
	ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX	
	Os ofícios nas encruzilhadas do tempo	118
	ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX	
	Pellegrini, no tempo e no espaço	126
	ANA PAULA NASCIMENTO	
	Histórias de vidas e de ofícios	136
	ANA PAULA NASCIMENTO, MARIA APARECIDA DE MENEZES BORREGO E ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX	

02	Novos ranchos para abrigar açúcares	32
	JOSÉ ROGÉRIO BEIER	
	Operárias e operários na Mayrink-Santos	38
	ANA PAULA NASCIMENTO	
	Trilhando caminhos com tropas de mulas	44
	NELSON APROBATO FILHO	

04	Tebas, um mestre de obras	74
	LUIS GUSTAVO REIS	
	Os rios do trabalho	80
	JANES JORGE	
	As greves operárias em São Paulo	86
	GLAUCIA CRISTINA CANDIAN FRACCARO	
	Gaensly, o homem da câmera	90
	RICARDO MENDES	
	Pintores decoradores na São Paulo eclética	96
	ANA PAULA NASCIMENTO	

Sobre os autores	148
Ficha técnica	151
Parceiros do Museu	152



APRESENTAÇÃO

É com muita satisfação que apresentamos o conjunto de publicações elaboradas pela equipe do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, por ocasião da reabertura do Museu do Ipiranga e da inauguração das novas exposições, no ano das comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil.

O Museu do Ipiranga é um equipamento cultural que faz parte do Museu Paulista, juntamente com o Museu Republicano Convenção de Itu, e que pertence à Universidade de São Paulo desde 1963. O Museu Paulista é o mais antigo museu do estado de São Paulo, inaugurado em 1895 no atual edifício do Museu do Ipiranga, como museu de história natural e que, ao longo do século 20, teve um crescimento acentuado de seu acervo com novas aquisições, acompanhando o ritmo das pesquisas das ciências naturais, etnologia e história do Brasil, principalmente na primeira metade do século. Aos poucos, essas coleções especializadas do Museu Paulista deram origem a outras instituições. A Pinacoteca do Estado nasceu do desmembramento das obras de arte do acervo do Museu Paulista em 1905. Em 1927, o seu acervo botânico foi transferido para o recém-criado Instituto Biológico; em 1939, o seu acervo zoológico foi transferido para o Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura e deu origem

ao Museu de Zoologia em 1941 e, finalmente, em 1989, o seu acervo de arqueologia e etnologia colaborou para a formação do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP.

Como consequência, na década de 1990, o Museu Paulista redefiniu sua vocação, que passou a ser a história da cultura material, com foco na sociedade brasileira.

Como museu universitário, o Museu Paulista estabeleceu sua missão, já no século 21: promover a educação em todos os níveis e desenvolver atividades de extensão e cultura tendo como referência o patrimônio material que coleta e conserva, por meio da produção de conhecimento científico sobre a formação histórica da sociedade brasileira.

Dessa forma, as publicações que aqui são apresentadas têm como objetivo cumprir a missão do Museu Paulista, de divulgação do conhecimento produzido para um público amplo, contemplado por meio de livros relativos às exposições de longa duração, que aprofundam as temáticas nelas trabalhadas; materiais dedicados ao público infanto-juvenil; livretos para educadores relativos ao conteúdo das exposições de longa duração e o catálogo da exposição temporária *Memórias da Independência*.

Reforçamos aqui, em especial, a importância institucional dada à área de educação pelo Museu Paulista que, historicamente, mantém uma grande proximidade com o público escolar – professores e estudantes. Assim, ressalta-se a dedicação dada à produção do material didático de apoio para professores da rede de ensino básico (fundamental e médio), sobre os assuntos tratados nas exposições de longa duração.

O desejo do Museu Paulista é que estas publicações alcancem os seus públicos e cumpram efetivamente a missão desta instituição, divulgando o conhecimento histórico produzido em várias das pesquisas desenvolvidas com o seu acervo desde a década de 1990, e que novas publicações possam ser promovidas num futuro próximo, aproveitando, principalmente, a ocasião das renovações das exposições, para o amplo acesso às coleções e às pesquisas geradas por esta instituição à sociedade.

Rosaria Ono
Diretora do Museu Paulista-USP

Amâncio Jorge Silva Nunes de Oliveira
Vice-diretor do Museu Paulista-USP



UM MUSEU UNIVERSITÁRIO DE HISTÓRIA

Em 1989, o Museu Paulista passou por mudanças que afetaram e ainda afetarão, por muito tempo, sua trajetória. O historiador Ulpiano Bezerra de Meneses, nomeado diretor, tinha o objetivo de transformar a instituição definitivamente em um museu de história. Para isso, o Museu enfrentou o último de vários desmembramentos ocorridos ao longo de sua existência: as coleções de arqueologia e etnologia foram transferidas para o Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma Universidade. Consolidaram-se, assim, as especialidades de cada um desses museus, ainda que tais divisões de objetos e conhecimentos, sobretudo a segregação dos estudos de comunidades indígenas dos estudos históricos em geral, sejam hoje questionáveis.

Mas não se tratava apenas de instituir uma racionalidade organizacional das áreas do conhecimento, evitando-se sobreposições. Concluir o processo que fez o Museu deixar de ser uma instituição enciclopédica, perfil típico dos museus de história natural do século 19, para torná-lo um museu de história moderna e contemporânea significava levar a cabo mudanças também no modo como a própria disciplina histórica e as atividades cotidianas do Museu tinham sido vivenciadas até então.

Desde o pós-guerra, as ciências humanas já vinham reconstruindo seus objetos de estudo e, como consequência, empreendendo também revisões metodológicas e documentais. Na História, o interesse pelos fenômenos de longa duração deslocaram para segundo plano as narrativas baseadas em personalidades ou em acontecimentos políticos e econômicos para dar lugar a processos sociais mais amplos. O tratamento alargado do tempo histórico tornou imprescindível considerar a cultura como substrato de qualquer estudo da vida

social. Os interesses dos historiadores voltaram-se para os imaginários, os comportamentos, as percepções, os gostos e o cotidiano de populações antes ignoradas ou tratadas como simples coadjuvantes nas tradicionais análises históricas. Também o modo de olhar o documento mudou. Os documentos legais e ritualísticos do Estado davam lugar aos dados coletados em séries documentais que atravessavam os séculos e eram capazes de informar sobre experiências sociais que ultrapassavam pessoas e mesmo gerações.



Figura 1. Trabalho de higienização em tela na Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.



Figura 2. Reserva Técnica de pinturas do Museu Paulista-USP.

Acervo Museu Paulista-USP, São Paulo. Reprodução: Helio Nobre/José Rosael.

As novas abordagens não poderiam deixar de afetar os museus. No que tocava aos museus de história, a condição de lugar de memória havia sedimentado comportamentos celebrativos e discursos identitários ancorados na ideia de nação. No caso do Museu Paulista, que aqui nos interessa, oferecia-se aos visitantes um verdadeiro panteão de heróis encabeçados por figu-

ras paulistas que organizaram plástica e semanticamente discursos de dominação de povos, de riquezas naturais e territoriais hoje reconhecidamente tidos como narrativas eurocêntricas, androcêntricas, etnocêntricas e elitistas.

Na reviravolta empreendida em 1989, Menezes instituiu uma área de atuação no campo

da história que respeitava o perfil das coleções já existentes, mas estimulava o seu crescimento de modo diferente. Justamente por possuir um acervo de "coisas materiais", o Museu era um lugar privilegiado para o desenvolvimento de estudos de cultura material, dedicados à compreensão dos modos de apropriação que grupos sociais fizeram de segmentos do universo natural.

FAZER É PENSAR

MARIA APARECIDA DE MENEZES BORREGO, ANA PAULA NASCIMENTO E ROGÉRIO RICCILUCA MATIELLO FÉLIX

A exposição *Mundos do trabalho* tem como eixo condutor o trabalho de homens e mulheres no cenário brasileiro envolvidos em múltiplas atividades desde o período colonial até os dias atuais. Na perspectiva da longa duração, buscamos captar o esforço laboral a partir de recortes que incidem sobre as ferramentas de trabalho, os produtos da ação humana e os saberes mobilizados – a construção de caminhos, a labuta na terra, a criação do micro e do macro nas cidades e a elaboração de artefatos.

Por meio de diversas tipologias de acervos, intentamos dar visibilidade a trabalhadores, cujos ofícios foram eclipsados, muitas vezes, pelo caráter cotidiano de suas ações. Trata-se de jogar luzes sobre a faina diária de pessoas escravizadas, livres brancas, negras e indígenas, migrantes e imigrantes cujas vozes têm sido muitas vezes silenciadas, não sem conflitos ou tensões. Para além das atividades diretamente ligadas ao trabalho, procuramos contemplar outras esferas da vida do trabalhador.

A questão central da exposição é a discussão sobre o espaço ocupado pelo trabalho na sociedade brasileira e os conhecimentos a que

recorrem os sujeitos históricos em variadas lides para a execução das obras realizadas, rompendo com a noção de que o trabalho manual é mecânico, desprovido de investimento intelectual.

Mundos do trabalho integra a linha de pesquisa Universo do trabalho, desenvolvida no Museu Paulista, mas não deixa de dialogar com as outras duas linhas de investigação institucionais – Cotidiano e Sociedade e História do Imaginário – instituídas durante a gestão de Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes (1989-1993). O plano diretor por ele formulado estabeleceu a atuação do Museu no campo da História e Cultura Material, bem como vinculou a política de aquisição de acervo a essas linhas de pesquisa.

Os primeiros resultados sobre a conformação da frente Universo do trabalho foram apresentados no livro *Quantos anos faz o Brasil?*, lançado em 2000, no âmbito das comemorações dos 500 anos do Brasil desde a chegada dos portugueses. Adilson Avansi de Abreu, pró-reitor de Cultura e Extensão da USP na época, desafiava os quatro museus estatutários da Universidade – Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arqueologia e

Etnologia, Museu Paulista e Museu de Zoologia – a responder à questão que dá título à obra com base em seus acervos e trajetórias. A resposta oferecida pelo Museu Paulista contemplou os trabalhadores e seus ofícios no Brasil – a partir de objetos e ferramentas de uso cotidiano – e as representações do trabalho – por meio de acervos textuais, iconográficos e tridimensionais – desde o período colonial até a primeira metade do século 20.

A ênfase recaiu sobre as peças relacionadas aos ofícios urbanos, aos labores domésticos, aos trabalhos pioneiros realizados sobretudo na capitania/província/estado de São Paulo, em especial no período entre 1850 e 1950, que é a circunscrição cronológica majoritária de nosso acervo. Contudo, os autores advertiram que qualquer objeto ou imagem pode ser tomado como produto da ação humana e, portanto, como artefato, fruto do trabalho, dependendo da perspectiva analítica pela qual é abordado. Todo acervo, enfim, pode ser visto ou revisto sobre o aspecto, geralmente encoberto, do trabalho.

Analisar os acervos relacionados ao universo do trabalho, sob a ótica de seus contextos sociais de produção, uso, circulação e guarda, é um dos desafios que vem estimulando a pesquisa no Museu Paulista há, pelo menos, 30 anos, e foi por nós tomado como premissa para a elaboração da exposição *Mundos do trabalho*.

“TODO ACERVO, ENFIM, PODE SER VISTO OU REVISTO SOBRE O ASPECTO, GERALMENTE ENCOBERTO, DO TRABALHO.”

LANÇAMENTO 2022

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

